

O LAUDO

SERVIÇO MÉDICO-LEGAL DA CAPITAL

Serviço de Autopsias – em 19 de janeiro de 1880

Médicos: Drs. Afrânio e Henrique

Espécie de exame: Autopsia - procedência Rua do Lavradio, 34 – Bairro das Laranjeiras/RJ

Causa da morte: Envenenamento

I. PREÂMBULO:

Maria Capitolina Santiago, branca, brasileira, casada, com 37 anos de idade, de prendas do lar, residente a Rua do Lavradio, 34-Laranjeiras/RJ. Deu entrada no Necrotério Público com guia nº 028 do 01º Districto Policial, por morte suspeita de ter sido violenta (homicídio). Isso porque, no histórico do caso foi relatado que o corpo foi encontrado naquela residência, dia 18 de janeiro de 1880, cerca de 23:00h, por funcionário da Guarda Municipal Permanente, o qual relatou que aquele estava em posição sentada (num sofá) e defronte de uma mesa na qual havia uma chávena de um líquido que parecia ser chá, porém inodoro e incolor.

II. PROLEGÔMENOS:

Às 14:00h do dia 19 de janeiro de 1880, nas dependências do Serviço Médico-Legal da Capital, os médicos acima nomeados procederam ao exame cadavérico de M. C. S. Outrossim, tal exame visava responder os seguintes quesitos: **Primeiro:** Houve morte?; **Segundo:** Qual a causa da morte?; **Terceiro:** Qual o instrumento ou meio que produziu a morte?; **Quarto:** Se foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou por outro meio insidioso ou cruel (resposta especificada).

III. INSPECÇÃO EXTERNA:

O cadáver é de mulher branca, de olhos azuis (com fendas palpebrais oblíquas), medindo 167 centímetros e pesando 62 kilogramas, trajando vestido de cor rosa que descia abaixo dos joelhos, com pequeno rasgão na barra. Ademais, usava porta-seios e roupa de baixo cobrindo as regiões do hipogástrio, perineal e inguinais. No vestido (e na roupa de baixo) observava-se que, na região do abdome, havia manchas amareladas e na região glútea, havia manchas de coloração marrom. Não havia sinais de violência ao exame externo com exceção dos punhos, nos quais foram observadas equimoses de coloração arroxeada ou vermelha-vinhosa, sendo aquelas, dissimuladas pelas mangas compridas do vestido.

O diagnóstico da morte evidenciava-se pelos fenômenos abióticos consecutivos, ou seja, o cadáver estava em estado de rigidez total, frio à palpação, com manchas de hipóstase nas regiões glúteas e posteriores das coxas. A temperatura retal não foi aferida por falta de termômetro adequado para tal leitura em nosso instituto.

IV. INSPECÇÃO INTERNA:

Craneo e Encephalo: a calota craneana era resistente, sem sinais de fracturas. Após abertura, constatou-se meninges, giros e circunvoluções sem sinais inflamatórios e sem coleções sanguíneas ou purulentas. Cavidades thoracica e abdominal: o diafragma correspondia ao 06º espaço intercostal. Aberto o thorax, nenhum líquido anormal nas cavidades pleurais e mediastínica. Os pulmões estavam discretamente congestos, mas sem líquidos purulentos à superfície de corte. O coração apresentava-se de tamanho normal, com ligeira sobrecarga gordurosa e com válvulas arteriaes suficientes; quanto ao mais, apenas algumas placas

de atheroma na aorta thoracica. Aberto o abdome, o estômago estava hiperemiado, sem restos alimentares, mas com bile, suco gástrico e secreção sanguinolenta. No intestino grosso havia plasma coagulado na luz e secreção diarréica do tipo “água de arroz” ou coleriforme. O fígado estava com sinais de esteatosis, os rins estavam de aspecto pálido à superfície de corte e a bexiga estava vazia. Colhido material (amostras de vísceras e sangue), foi feita a pesquisa do elemento arsênico, o qual foi dosado pelo instrumental disponível em nível de 30mg. A dose letal é de 0,6 mg/kg/dia, o que daria o valor de 37,2 mg para a examinanda (que pesava 62 kg).

Sendo assim, a dose verificada era subletal. Em todo caso, a dose letal costuma variar de pessoa para pessoa e pode haver até certa resistência individual ao veneno, como é fato cediço entre os químicos.

Destarte, na falta de outros elementos que possam sinalizar noutra direção, a causa mortis foi devida a agente químico – envenenamento por arsênico.

IV. CONCLUSÕES:

1. Examinamos um corpo em estado de morte real e sem sinais de violência, exceto pelas equimoses constatadas nas regiões dos punhos. A dosagem do elemento químico arsênico, apesar de subletal, pode levar ao óbito, em virtude de baixa resistência individual ou associado a um estado de nutrição inadequado (nos últimos dias) ou mesmo a um quadro de depressão reativa.

2. Do visto e exposto (posto que nada mais nos foi informado), eis as Respostas aos Quesitos:

Primeiro: Sim;

Segundo: Envenenamento, associado ou não a outros estados mórbidos (físicos ou psíquicos);

Terceiro: Agente químico – arsênico;

Quarto: Sim, para veneno.

3. Os signatários reservam-se o direito de rever e, eventualmente modificar (em parte ou no todo), este documento médico-legal, se lhes forem apresentados quaisquer novos documentos ou fatos capazes de influir no raciocínio pericial.

Tal é o nosso, S. M. J.,

LAUDO DE AUTOPSIA

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1880.

PROF. DR. AFRÂNIO PEIXOTO

PROF. DR. HENRIQUE CAIVANO SOARES